

Escola de Saberes

DAS MULHERES DA QUINTA DA PRINCESA



Escola de Saberes

DAS MULHERES DA QUINTA DA PRINCESA

FICHA TÉCNICA

ESCOLA DE SABERES DAS MULHERES DA QUINTA DA PRINCESA Publicação no âmbito do Projeto A Quinta da Princesa com Elas Tem Vida

ENTIDADES PROMOTORAS

Câmara Municipal do Seixal
Junta de Freguesia de Amora
MDM – Movimento Democrático de Mulheres

COORDENAÇÃO GERAL & RESPONSABILIDADE PEDAGÓGICA

Carolina Leão

COORDENAÇÃO FINANCEIRA

Sandra Benfica

TEXTOS

Carolina Leão

COLABORAÇÃO PEDAGÓGICA

Duda Correia (Pedagoga)

FOTOGRAFIAS

Carolina Leão

Duda Correia

Henrique Godoy

Vania Brayner

TRADUÇÃO

(Crioulo de Cabo Verde – Português)
Domingos Fernandes

EDUCANDAS E EDUCANDOS DA ESCOLA DE SABERES DAS MULHERES DA QUINTA DA PRINCESA

Elvira Fernandes

Engracia Tavares

Maria da Conceição Monteiro

Francisca Sanches

Hortência Soares

Juliana Semedo

Joana Mendes

Malaquias Landim

Maria Coelho da Veiga

Maria dos Anjos Quaresma

Maria Inocencia

Maria José Leal

Mariana Soares

Maria Segunda da Veiga

Teresa Semedo

Vitória Varela

GRUPO COLABORATIVO DE MULHERES DA QUINTA DA PRINCESA

(Juliana Semedo, Laura Sousa, Maria Coelho da Veiga,
Maria Segunda da Veiga, Paulina Fernandes, Vitória Varela,
Cesaltina Sousa, Elisa Fernandes)

PORTA-VOZES

Rua Cidade da Praia

(Cesaltina Sousa, Elisa Fernandes, Fernando Patronilho,
Helena Vieira, Simplicio Almeida e Verónica Sousa)

AGRADECIMENTOS

CAPA – Centro de Assistência Paroquial de Amora
Grupo Desportivo Cultural e Recreativo da Quinta da Princesa

DESIGN

Carlos Jorge

IMPRESSÃO

Regiset – Artes Gráficas

DEPÓSITO LEGAL

562588/26

ISBN

00000000

ÍNDICE

ABERTURA	04
INTRODUÇÃO	06
Escola de Saberes das Mulheres da Quinta da Princesa: da Sala Coletiva às Ruas	
1. COM PERGUNTAS E TEMAS GERADORES: CADA TIJOLO UMA DESCOBERTA	07
1.1. Dificuldades que ensinam, avanços que celebramos, cooperação que sustenta	13
1.2. Método fónico: escutar para ler, ouvir para escrever.	19
1.3. Português como segunda língua: do crioulo à palavra partilhada	23
1.4. A Escola de Saberes das Mulheres: aprender onde se vive, viver onde se aprende	25
1.5 Do bairro à cidade: A Escola de Saberes das Mulheres sai porta fora	32
1.6 Comunidades que ensinam, comunidades que aprendem: quando um bairro visita outro	54
1.7 Mães-Avós: da ancestralidade ao chão – uma história que a Escola ajudou a contar	62
1.8 Juntas somos mais: a Escola de Saberes das Mulheres numa rede que soma	63
1.9 A Biblioteca de Saberes: outros livros, outras histórias, outros saberes	63
2. GRUPO COLABORATIVO DE MULHERES: A SEMENTE QUE DEU VOZ À RUA	67
2.1 Reabilitação e manutenção dos prédios: o chão que queremos, a luta que não pára	71
2.2 Porta-vozes: uma voz que cresceu, um coletivo que ficou	73
2.3 Porta-vozes: a autonomia conquistada, a ação que continua	79
3. O QUE ESTE PERCURSO NOS ENSINA?	80
REFERÊNCIAS	84

ABERTURA

ESCOLA DE SABERES DAS MULHERES DA QUINTA DA PRINCESA

A Quinta da Princesa tem uma história potente, que data da sua fundação em 1980, quando edifícios novos receberam as suas primeiras moradoras e moradores. Da chegada das primeiras famílias à configuração atual da comunidade, muitas histórias de vida atravessaram lugares de colonialismo, violências, opressões, mas também de saberes ancestrais, cooperação incondicional, culturas multifacetadas e convivência afetiva – que foram transportados ou cocriados neste território singular.

Com o projeto “A Quinta da Princesa com Elas Tem Vida”, entre janeiro de 2023 e dezembro de 2025, a equipa do MDM – Movimento Democrático de Mulheres – realizou a sua imersão neste bairro, desenvolvendo um trabalho prioritariamente com as mulheres, mas perspetivando a sua comunidade.

Esta publicação reflete um processo de Educação Popular, na perspetiva freireana. Um exercício em que educadoras e educandas saem das suas zonas de conforto para organizar uma ação educativa – num primeiro momento, de alfabetização – saindo da sala coletiva para as ruas do bairro. A escuta sensível, a cocriação de saberes e

a ação coordenada foram pressupostos que afirmaram este território como local de produção de conhecimento e, portanto, seria preciso instigar a sua (re)apropriação pelos sujeitos que lá habitam.

A nossa proposta pedagógica ancorou-se em três eixos: a escuta sensível como método de aproximação e reconhecimento das mulheres nos seus territórios de vida; um currículo popular que partiu dos saberes já existentes – memórias de luta, palavras que atravessam gerações – para organizar percursos de alfabetização, leitura do mundo e participação cívica; e a ação coordenada que transformou a sala coletiva num espaço vivo e as ruas num lugar de aprendizagem partilhada. Deste encontro, emergiram achados pedagógicos que aqui partilhamos: a cooperação como motor da aprendizagem, a centralidade das mulheres na organização comunitária e a potência de um trabalho que não separa o educativo do político, o afeto da luta.

Ao desocultar histórias que marcaram o chão da Quinta da Princesa, percebemos, simultaneamente, a capacidade de organização e de luta coletiva das mulheres (principalmente) e o árduo trabalho que têm desenvolvido no quotidiano – reprodutivo, por conta própria ou por conta de outrem – com jornadas intensas.

Tal empenho tem configurado um território por onde se edificam formas de economia comunitária (como mostra a investigação *“As Mães-Avós da Quinta da Princesa: da Ancestralidade ao Chão”*), onde encontramos a ousadia de aprender a ler na maturidade adulta, a atitude de conquistar os direitos de habitação digna, a procura de mobilização das vizinhas e dos vizinhos para melhorar as condições de salubridade e, ainda, o levantar das vozes para interlocução com as instituições do Estado.

Este é o reconhecimento necessário! É imperativo mostrar que os estereótipos de “bairro problemático”, com a desqualificação perpetrada pela comunicação social e outros agentes, são inaceitáveis! Tal não significa ignorar os problemas atuais, mas, de forma positiva, recuperar a força e o potencial transformador intrínseco das práticas populares.

Carolina Leão

MDM - Movimento Democrático de Mulheres

INTRODUÇÃO

ESCOLA DE SABERES DAS MULHERES DA QUINTA DA PRINCESA DA SALA COLETIVA ÀS RUAS

A **Escola de Saberes das Mulheres da Quinta da Princesa** (adiante designada por *Escola de Saberes das Mulheres*) é um espaço experimental de construção de conhecimentos, onde educandas e educadoras – num permanente diálogo comprometido com a escuta sensível, a criação coletiva e a problematização das práticas e vivências que cada uma traz para a sala de aprendizagens – partem para a descoberta de um programa erguido passo a passo, como quem constrói uma grande casa de saberes.

A ideia surgiu a partir do *Diagnóstico Participativo* realizado em 2022, por ocasião da formação do Grupo Colaborativo de Mulheres da Quinta da Princesa, enquanto primeiro espaço de participação comunitária para o qual o MDM contribuiu na Quinta da Princesa.

A proposta veio das mulheres, maioritariamente fundadoras da comunidade, cuja educação escolar lhes havia sido negada nos seus países de origem, no período colonial. O trabalho precoce na agricultura familiar, o cuidado com os irmãos e irmãs mais novas, os afazeres domésticos e a estrada – onde muitas, ainda crianças ou adolescentes, carregavam pedras à cabeça para a construção de infraestruturas (muros, diques e outros trabalhos) –, em alguns casos substituindo familiares adultos e ganhando menos que homens e mulheres na hierarquia dos pagamentos, ocuparam os lugares que poderiam ter sido da escola.

Com a maturidade etária, o inesquecível desejo de assinar o próprio nome e juntar as letras, formando sílabas, ressurgiu com a oportunidade da nossa escola. Ao partirmos para este desafio, levámos na mochila a Educação Popular, na perspectiva de Paulo Freire, que aposta na alfabetização popular das mulheres da comunidade. Foi neste espaço que, pela primeira vez, as mulheres do grupo e outras amigas levaram a cabo o sonho de serem alfabetizadas.

Durante 31 meses – de 9 de maio de 2023 a 31 de dezembro de 2025, às terças e sextas-feiras –, no espaço do Centro Comunitário da Quinta da Princesa, eu e a amiga e pedagoga Maria Eduarda Correia (a Duda) – a quem agradecemos por ter estado connosco durante os primeiros oito meses de implementação, – iniciámos este percurso vivencial na educação de mulheres adultas.

No presente trabalho, sistematizamos o programa de estudos edificado com as mulheres participantes, a partir de um processo dialógico realizado ao longo dos nossos encontros, em que a *Escola de Saberes das Mulheres* se constituiu como experiência vivencial, prática transformadora e elaboração teórica de uma trajetória que marca a produção de conhecimento com as mulheres da comunidade.

1.

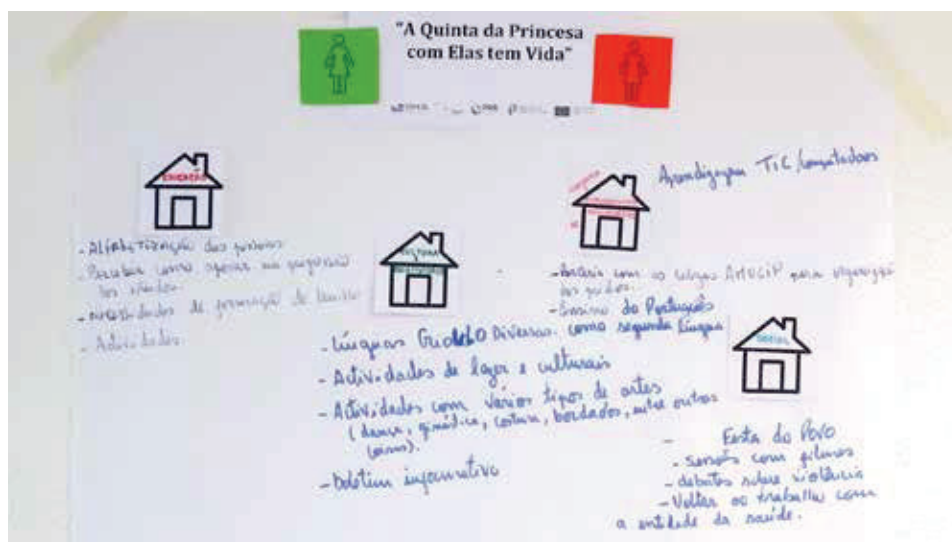
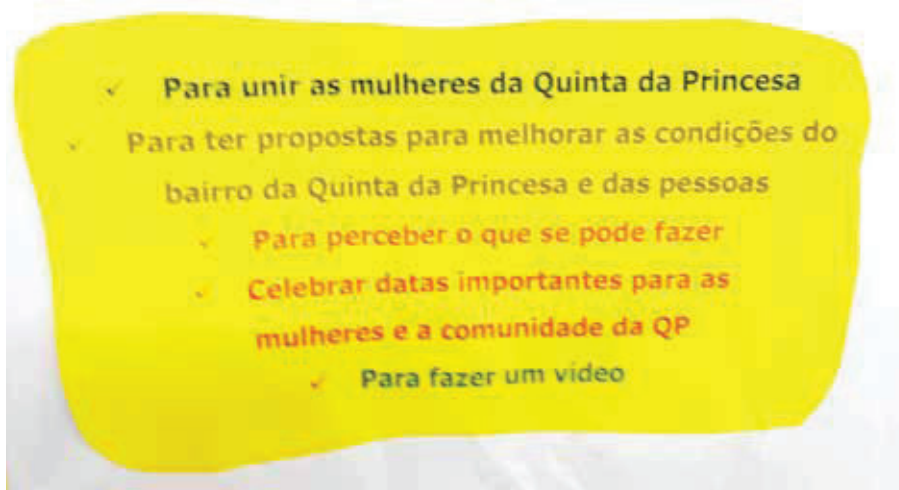
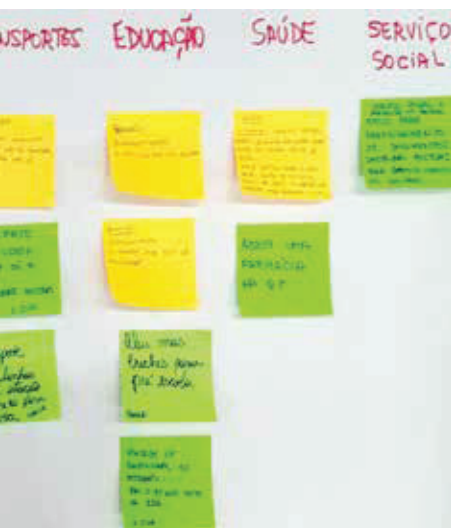
**COM PERGUNTAS
E TEMAS GERADORES
– CADA TIJOLO
UMA DESCOBERTA**



Em *Por uma Pedagogia da Pergunta*, Paulo Freire retrata uma das suas experiências com um morador de uma favela de Buenos Aires, em que este indaga: “O que significa mesmo perguntar?”. Ao procurar construir uma resposta, em diálogo com os demais presentes, Freire insiste sobre a curiosidade que esta mesma pergunta desperta, assumindo que a questão central não é fazer desta uma abordagem intelectual, mas “viver a pergunta, viver a indagação, viver a curiosidade, testemunhá-la ao estudante” (Freire & Faundez, 1985, p. 25).

Portanto, o desafio que se coloca à educadora ou ao educador, no cotidiano, é construir com as educandas e os educandos o hábito de perguntar, de se surpreenderem. Num exercício de auscultação-interação, a ideia é que as pessoas sejam estimuladas a pensar sobre si mesmas, no seu espaço e com as suas relações, para desvelar opressões, formular conhecimentos e, o que é desejável, saltar para a transformação.

A nossa proposta pedagógica com as mulheres da comunidade, assente na Educação Popular, levou-nos para os caminhos da pergunta como principal ferramenta de descoberta. Começámos com um diagnóstico inicial do conhecimento que traziam para a sala coletiva. Algumas nunca tinham entrado numa escola nem segurado num lápis. Outras conheciam algumas letras. Conhecer o alfabeto era uma raridade. A expectativa da escrita do próprio nome e apelido era o principal desejo. Era preciso sair do sonho para o papel, com educandas cuja maturidade etária compreendia os 67 ou mais anos.



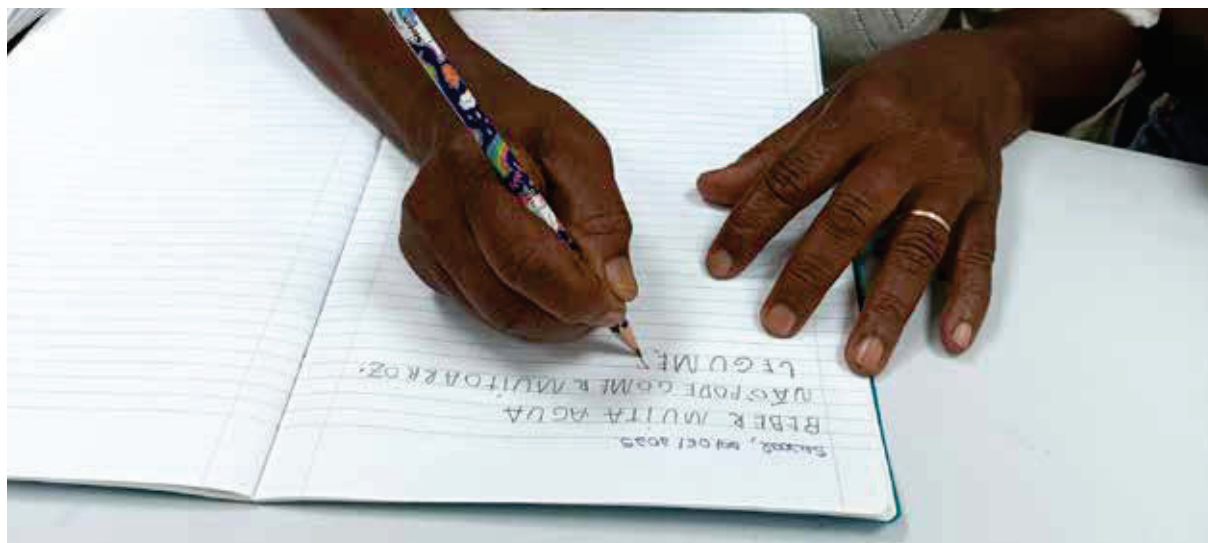
Importa destacar que a língua materna das nossas participantes, praticada entre elas e, igualmente, no seio familiar (quase sempre com as filhas e os filhos), não é o português, mas sim o crioulo de Cabo Verde e o de São Tomé e Príncipe. Tal implica considerar a língua portuguesa como segundo idioma, mesmo nos casos em que existe uma prática de comunicação oral.

Durante a aprendizagem dos nomes, perguntas e respostas emergiam com os diálogos. As palavras geradoras¹ eram recolhidas de cada biografia e do respetivo universo vocabular, sendo seleccionadas e utilizadas no estudo da formação das sílabas.

MARIDO	PANELA	NICOLE	TOMATE	TIJOLO
BANANA	COMUNIDADE	CASA	HABITAÇÃO	
MULHER	TRABALHO	JULIANA	FAMÍLIA	
FOME	VARELA	VOTO	VITÓRIA	

¹ Por palavras geradoras Paulo Freire considerava as extraídas dos encontros com as/os educandas/os durante conversas informais, identificando o vocabulário mais utilizado por estas/es e pela comunidade. Assim, tais palavras eram as que serviam de base para o processo de alfabetização.





Neste contexto, as perguntas e palavras geradoras iam se transformando em temas geradores². Ao longo deste percurso temático e da problematização das suas experiências de vida, as histórias destas mulheres foram surgindo. Do período colonial à imigração para Portugal, com a chegada à Quinta da Princesa, temas como o marido, família, habitação, comunidade, voto, entre outros associavam-se aos debates sobre o *25 de Abril*; o *Dia Internacional da Mulher*; a luta pela recuperação dos prédios e da habitação digna; formação e organização da comunidade, entre outros.

² Os *temas geradores* são aqueles levantados durante os processos de diálogo, entre educador/a e educanda/o, sendo o mote para a reflexão, problematização e para desvelar elementos ocultos da realidade.





1.1. DIFICULDADES QUE ENSINAM, AVANÇOS QUE CELEBRAMOS, COOPERAÇÃO QUE SUSTENTA

Uma das dificuldades encontradas neste percurso foi a carência de materiais de alfabetização que oferecessem às nossas protagonistas um espelho de quem eram e um sentimento de pertença ao processo educativo – uma realidade a ultrapassar.

Cada sessão de construção das sílabas e formação das palavras exigia uma ampla pesquisa de imagens que refletissem a pertença física, sociocultural e política das participantes, e que, ao mesmo tempo, tivessem em conta a sua maturidade etária, evitando a infantilização das pessoas adultas. Estas foram algumas das figuras associadas ao processo de alfabetização:



AMIZADE



FAMÍLIA



JERÓNIMO



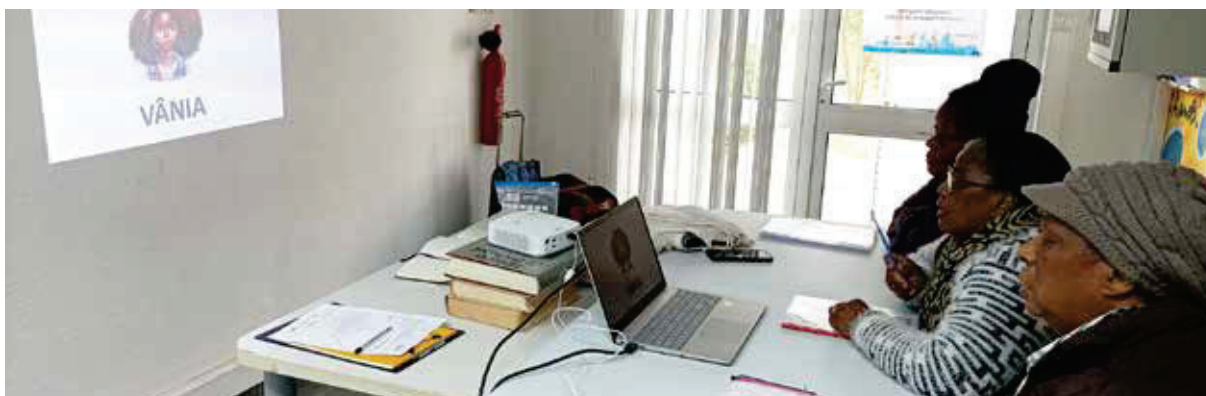
MENINA



PANELA

“
Pela primeira vez, fui
ao médico e assinei o
meu nome no papel. Ele
perguntou se eu já tinha
operado a minha vista.
Fiquei tão contente!!!

”



Por sua vez, a escrita dos nomes completos foi-se consolidando pouco a pouco. Se para algumas as sílabas das palavras geradoras evoluíam rapidamente para a formação de outras palavras e, posteriormente, para frases curtas, para outras o desafio era difícil de ultrapassar.

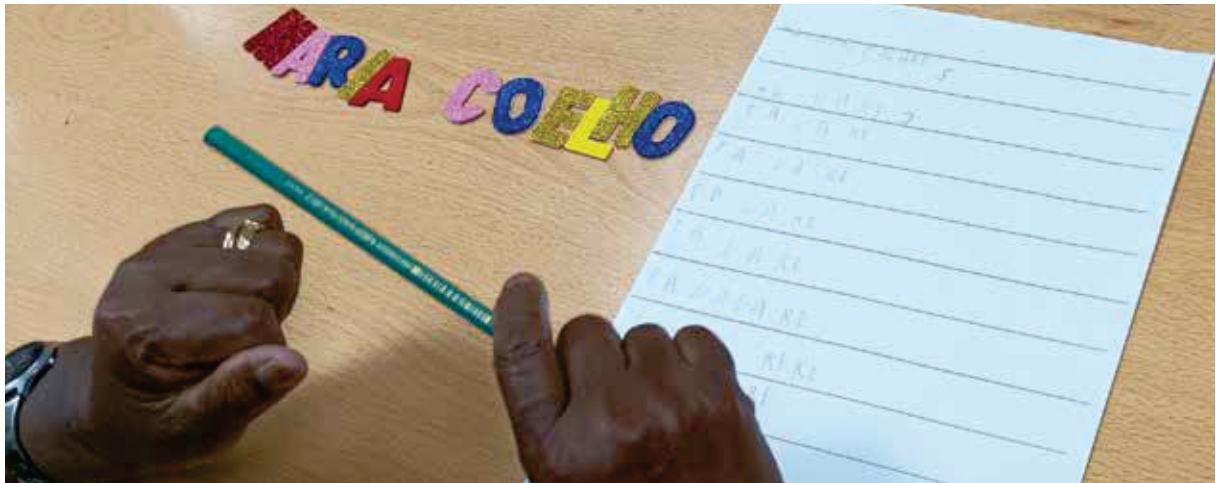


A *Escola de Saberes das Mulheres* teve sempre as portas abertas para receber todas as mulheres, em qualquer ocasião e com diferentes níveis de conhecimento. Era com entusiasmo que cada uma era recebida e integrada no grupo. O sonho sempre teve a possibilidade de chegar ao “é possível”.



Para lidar com tamanha complexidade, partimos para um método de estudos que combinava a **exploração**, a **descodificação**, a **consolidação** e a **cooperação**, que, em síntese, funcionava da seguinte forma:









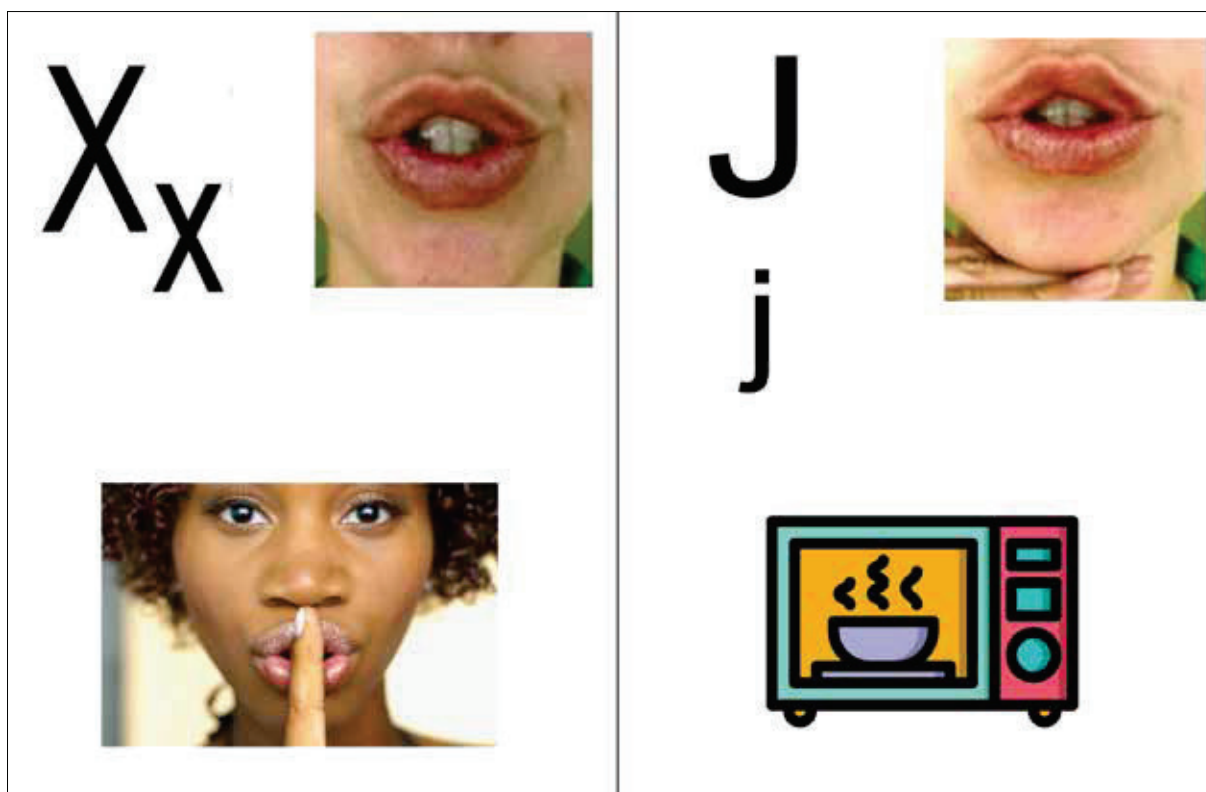
1.2. MÉTODO FÔNICO: ESCUTAR PARA LER, OUVIR PARA ESCREVER

À medida que o tempo passava, verificámos que algumas educandas apresentavam dificuldades acrescidas para interiorizar a formação das sílabas, mesmo quando trabalhadas a partir das palavras geradoras que emergiam das suas vivências.

Num dos momentos de avaliação, propusemos a utilização do *método fónico* para apoiar o trabalho desenvolvido. Este método ajuda as educandas a tomarem maior consciência dos sons da fala e da forma como estes se relacionam com as letras.

De forma simples, baseia-se no ensino da relação entre os sons da fala (fonemas) e as letras ou grupos de letras que os representam (grafemas). A partir desta correspondência, as aprendentes vão conseguindo descodificar as palavras, juntando progressivamente os sons associados a cada letra para construir a sua pronúncia (Seabra & Dias, 2011).

O *método fónico*, quando adaptado à Educação de Adultos, considera as especificidades cognitivas, emocionais e sociais das aprendizes, utilizando contextos e vocabulário significativos para a idade adulta. O objetivo é desenvolver a consciência fonológica e as habilidades de descodificação de forma eficaz, conforme demonstrado por estudos como o de Fragoso (2019).



Este método contribuiu para que algumas das educandas percebessem melhor os sons das palavras. Sendo o português uma língua não materna, uma das possibilidades para a dificuldade e confusão silábica manifestada pode estar relacionada com esta realidade.

Estas considerações, no entanto, não estão estudadas nem confirmadas, funcionando como partilha de experiências para que outras educadoras e outros educadores as tenham em conta ao abraçar esta práxis de construção coletiva e comprometida com a produção de conhecimento.

Esta prática, inspirada na abordagem de Paulo Freire – que valoriza palavras e temas geradores ligados à experiência das participantes –, reforça a ideia de que o ensino da leitura e da escrita pode ser significativo e contextualizado, combinando reflexão, experiência pessoal e estratégias pedagógicas como o método fónico para apoiar o desenvolvimento da consciência fonológica.

Por esta aventura específica da Escola de Saberes das Mulheres passaram dez educandas, havendo três desistências por diferentes razões (saúde, retorno ao país de origem, problemas familiares). Tratando-se de métodos e metodologias dinâmicas em termos pedagógicos, com uma intencionalidade política que ultrapassa os limites dos objetivos específicos da alfabetização, podemos salientar que, nos dois anos de funcionamento da nossa escola, houve conquistas pessoais e coletivas que se entrelaçam.

Sem querer cair na armadilha dos resultados quantitativos, mas utilizando a matemática como farol para perceber o potencial indescritível do que se pode desenvolver com pessoas em fase de maturidade etária (no nosso caso, especialmente em relação às mulheres), e tendo em conta o perfil das nossas educandas, oferecemos estas referências como contribuição para outras vivências educativas como a nossa:

**05 EDUCANDAS
DESENVOLVERAM**

- Assinatura completa do nome;
- Leitura das palavras;
- Leitura de frases curtas;
- Leitura de informações quotidianas indispensáveis;
- Conhecimento do alfabeto;
- Conhecimento dos números – dezenas e centenas;
- Escrita de palavras simples (a partir dos desafios orais);
- Escrita de frases curtas com acompanhamento.

**03 EDUCANDAS
DESENVOLVERAM**

- Assinatura completa do nome;
- Leitura de algumas palavras;
- Conhecimento do alfabeto;
- Conhecimento dos números – dezenas;
- Escrita de algumas palavras.

**04 EDUCANDAS
DESENVOLVEU**

- Assinatura do nome completo;
- Identificação das letras do alfabeto.

Todas participaram, positivamente, nas seguintes dimensões da experiência da sala coletiva:

- Assumindo a cooperação em vez da competição na construção do conhecimento coletivo;
- A vivência coletiva da exploração – descodificação – consolidação do conhecimento no processo de alfabetização.





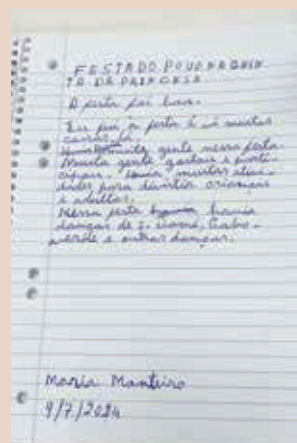
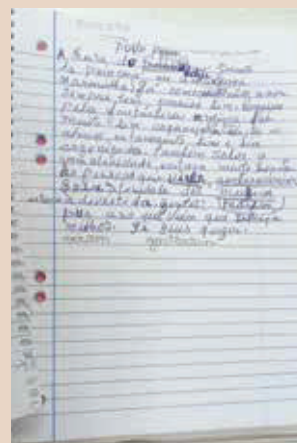
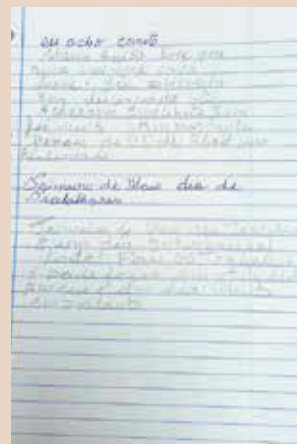


1.3. PORTUGUÊS COMO SEGUNDA LÍNGUA: DO CRIOULO À PALAVRA PARTILHADA

As notícias da *Escola de Saberes das Mulheres* chegaram a novas paragens. No segundo ano da escola, a 20 de setembro de 2024, quatro participantes (três mulheres e um homem) propuseram-se frequentar as sessões. Estes quatro novos elementos já se encontravam alfabetizados.

Com foco no mesmo método – exploração, descodificação, consolidação, cooperação – e à luz do diagnóstico inicial efetuado, o programa de trabalho foi sendo construído progressivamente com este novo grupo.

Com cerca de dez a doze participantes, organizadas/os normalmente em dois ou três grupos em funcionamento, a sala coletiva nunca era a mesma. Não havia rotina. Criar novos ambientes significava adaptar-se ao programa de trabalho do dia, num exercício em que todas e todos cooperavam para a prática da construção coletiva de saberes.



O novo grupo trouxe novas ideias. Ler, interpretar e escrever faziam parte dos desafios de quem dizia ter frequentado a quarta classe há muitos anos, em Cabo Verde ou em São Tomé e Príncipe.

Por este caminho, fizemos jogos para aprender sobre pontuação. Realizámos leituras para melhorar a comunicação oral. Refletimos sobre diferentes culturas – desde a produção de uma história escrita por mulheres ciganas, passando por textos sobre o Ubuntu (“Eu sou porque tu és”), até à criação das nossas próprias histórias, que, juntando retalhos como num patchwork, formavam um texto de produção coletiva. Por último, tentámos escrever as autobiografias. Não as finalizámos, por diferentes motivos, mas houve momentos que marcaram esta trajetória, que espera por outra oportunidade.



E porque a Escola de Saberes das Mulheres não se restringe à alfabetização nem à aprendizagem da língua portuguesa, outras sociabilidades e ações foram sendo coconstruídas como parte de um currículo popular – vivo e orgânico – cuja dimensão e alcance ainda precisamos de amadurecer. Contudo, apresentamos de seguida as diversas dimensões desta proposta pedagógica que envolveu outras educandas e outros educandos, em espaços diferenciados de práticas coletivas.

1.4. A ESCOLA DE SABERES DAS MULHERES: APRENDER ONDE SE VIVE, VIVER ONDE SE APRENDE

Os diversos debates realizados – durante as sessões de alfabetização ou para além delas, com o Grupo Colaborativo de Mulheres da Quinta da Princesa ou em diálogo com os porta-vozes e as porta-vozes da Rua Cidade da Praia e da Praceta Cidade de São Tomé (prédio n.º 2) – contribuíram para construir a participação das mulheres nas iniciativas promovidas pela comunidade e para afirmar o seu protagonismo na organização, mobilização e ação, abrindo os seus próprios espaços de intervenção.

Assim, reforçamos a ideia de que a Escola de Saberes das Mulheres da Quinta da Princesa foi muito além de um lugar de alfabetização. Foi um espaço de construção de poder popular, desde baixo e de forma horizontal, a partir das mulheres da comunidade, possibilitando a atuação daquelas em fase de maturidade etária, assim como das suas filhas e vizinhas.

Desta experiência destacamos os vários momentos em que a Escola de Saberes das Mulheres saiu porta a fora, se mostrou ao bairro e se envolveu nas iniciativas da comunidade. Registamos, de seguida, alguns desses momentos.



Piquenique Intercultural

Realizado em 2023, numa das áreas verdes da Quinta da Princesa, o piquenique intercultural foi organizado pelo Grupo Colaborativo de Mulheres da Quinta da Princesa e pelo MDM. A iniciativa juntou mulheres de diversos "cantos" – Cabo Verde, São Tomé, Brasil e Portugal –, moradoras e não moradoras do bairro. Cada uma contribuiu, solidariamente, com um prato típico da sua cultura. O resultado foi um momento de intenso convívio, com música e dança a atravessarem a tarde.



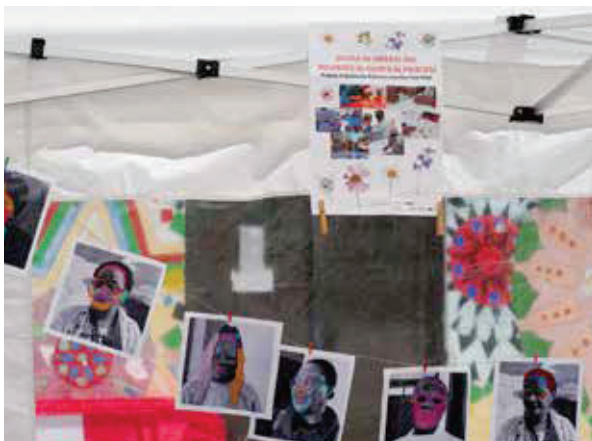
Festa da Tabanka

A Tabanka é uma festa tradicional realizada no primeiro fim de semana de julho. Em 2024, o Grupo Colaborativo de Mulheres da Quinta da Princesa marcou uma das suas participações mais significativas, ao levar para a comunidade os trabalhos que vinham construindo.

Eram pequenas esculturas decorativas em cerâmica, feitas na sequência de uma visita ao Centro Internacional de Medalha Contemporânea, na Quinta da Fidalga. A estas juntaram-se as pinturas de máscaras pessoais e os postais escolhidos do livro "Postais Antigos de São Tomé e Príncipe", de João Loureiro – estes últimos criados na sala coletiva da nossa escola. Tudo foi apresentado e partilhado com o bairro.

"Quero ver os trabalhos da minha senhora!" – ouviu-se de um marido, o da D. Francisca, num testemunho que ficou. E ali estava ela, a D. Francisca, com a sua obra em exposição, e ele, a vê-la com outros olhos.





Festas de Natal

As Festas de Natal da Quinta da Princesa ganharam novas formas de participação das mulheres. Numa das reflexões realizadas com as instituições organizadoras, o MDM propôs que, em lugar do Pai Natal, os presépios vivos poderiam ser mais simbólicos e representativos da cultura local, onde predominam as origens africanas entrelaçadas com os cultos católicos.

Ao levarmos posteriormente esta proposta ao *Grupo Colaborativo de Mulheres da Quinta da Princesa*, concluímos que um dos casais da comunidade – a D. Paulina e o Sr. Domingos Fernandes – poderia ser convidado a representar Maria e José, num cenário construído com um Menino Jesus negro.

Aceite o desafio, a D. Paulina construiu connosco as roupas tradicionais, com tecidos africanos e elementos particulares de Cabo Verde, para a caracterização das figuras do presépio e do cenário de apoio.

O casal foi presença de destaque na festa durante dois anos consecutivos (2023 e 2024), alterando a imagem habitual de Maria, José e Jesus – tradicionalmente brancos e com vestimentas clássicas – e assumindo, eles próprios, a distribuição das prendas de Natal às crianças da comunidade, em lugar do Pai Natal.





Em 2025, uma nova proposta foi implementada: parte do grupo das Mães-Avós da Quinta da Princesa – fundadoras do bairro na década de 1980 — assumiu a distribuição das prendas às crianças. O papel destas mulheres, enquanto agentes de mudança e guardiãs do património material e imaterial da história da comunidade, foi destacado na festa coletiva, como fruto do estudo realizado pelo *MDM: As Mães-Avós da Quinta da Princesa: da Ancestralidade ao Chão*.

Mudar este tipo de paradigma é uma maneira de descolonizar o imaginário e ativar formas de pertencimento ao espaço, colocando em cena novas e novos sujeitos políticos no território.



1.6. DO BAIRRO À CIDADE: A ESCOLA DE SABERES DAS MULHERES SAI PORTA FORA

Uma das descobertas realizadas no contexto da Escola de Saberes das Mulheres foi o facto de muitas mulheres terem tido uma vida de trabalho intenso e cheia de dificuldades, o que lhes retirou o direito à cidade enquanto espaço de lazer, convívio e aprendizagem fora do bairro. Neste sentido, apesar de viverem há várias décadas no concelho do Seixal, pouco conhecem do que o concelho tem para oferecer.

Assim, partimos para a composição de uma agenda mista: por um lado, acolhemos as propostas das próprias mulheres sobre os lugares que gostariam de conhecer; por outro, apresentámos as iniciativas a decorrer dentro e fora do concelho do Seixal, possíveis de integrar um programa de construção colaborativa, de ligação ao município e de alargamento de horizontes para além do bairro.

Desta forma, aproveitámos parte da agenda cultural promovida pela Câmara Municipal do Seixal e enriquecemos a nossa própria agenda, num movimento de mão dupla: a cidade entra na Escola, a Escola sai para a cidade.

Moinho de Maré de Corroios

Construído em 1403, o Moinho de Maré de Corroios é um importante património cultural e histórico do município do Seixal, sendo um dos poucos moinhos de maré ainda em funcionamento. Este equipamento é um exemplo notável do aproveitamento da energia das marés, outrora utilizada para a moagem dos cereais provenientes das margens do estuário do Tejo.

No dia 20 de outubro de 2023, numa visita organizada pela Câmara Municipal do Seixal, conhecemos a exposição permanente "600 Anos de Moagem no Moinho de Maré de Corroios", percorrendo séculos de história através das pedras, das máquinas e das memórias ali guardadas.





Quinta da Fidalga

A Quinta da Fidalga, cuja fundação remonta ao século XV, constitui um dos exemplos mais antigos e melhor preservados das quintas agrícolas e de recreio outrora existentes na região. Nos séculos XVII e XVIII, esteve ligada à família Gama Lobo. Hoje, entre jardins e edifícios classificados, a quinta acolhe espaços que aliam património e criação artística – as Oficinas de Artes Manuel Cargaleiro e o Centro Internacional de Medalha Contemporânea. Foi ali que chegámos, num dos nossos dias de descoberta fora do bairro.

Para muitas das mulheres, foi a primeira vez que entraram num museu. E esse gesto, simples, carregava séculos de memória: o direito à cidade também se aprende, também se conquista, passo a passo, visita a visita.





Visita aos jardins, ao palacete e ao Centro Internacional de Medalha Contemporânea da Quinta da Fidalga, com Oficina de Cerâmica na Oficina de Artes Manuel Cargaleiro

No dia 18 de abril de 2024, realizámos a primeira visita à Quinta da Fidalga. Percorremos os jardins de características seiscentistas, com destaque para o Lago de Maré – um exemplo notável de engenharia hidráulica alimentado pelas águas salgadas do estuário.

Em seguida, conhecemos o palacete, edifício senhorial dos séculos XVII-XVIII, com a sua arquitetura original e azulejaria antiga.

O Centro Internacional de Medalha Contemporânea foi outro espaço visitado, onde pudemos apreciar a arte da medalha nas suas múltiplas formas e expressões. Por fim, participámos numa oficina de cerâmica, onde as mãos experimentaram o barro para criar peças do quotidiano e das memórias afetivas. A comunidade ficou a conhecer estes trabalhos na Festa da Tabanka, nesse mesmo ano.





Exposição Afro Renaissance na Quinta da Fidalga com Oficina de Pintura de Máscaras

No dia 23 de maio de 2024, visitámos a Exposição Afro Renaissance, no Palacete da Quinta da Fidalga. A mostra celebrava a arte contemporânea africana, reunindo nove artistas num mesmo espaço – um encontro de olhares, cores e linguagens que nos falava de perto, a nós, mulheres de origens africanas.

Em seguida, participámos numa oficina de pintura de máscaras sobre a própria fotografia de cada participante, orientada pela Dr.^a Raquel Proença e pela Dr.^a Ana Apolinário, da Câmara Municipal do Seixal, no espaço da Oficina de Artes Manuel Cargaleiro.

Esses trabalhos, nascidos ali, entre o olhar para a própria imagem e a mão que pintava, integraram depois a mostra apresentada na Festa da Tabanka do mesmo ano. A máscara, símbolo antigo de identidade e mistério, ganhou novos sentidos: era o rosto de cada mulher, reinventado, exposto, partilhado com a comunidade.





Cristo Rei e almoço no Restaurante “A Rampa”

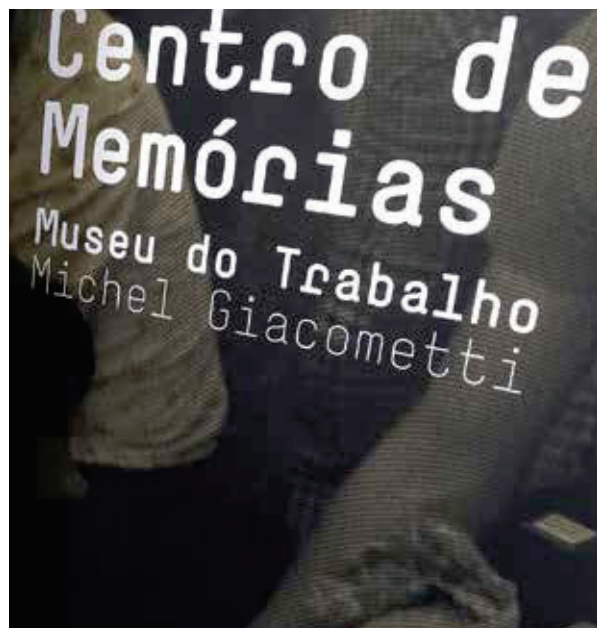
No dia 21 de outubro de 2023, visitámos o Santuário do Cristo Rei, com almoço no Restaurante “A Rampa”, com um momento de convívio e partilha à volta da mesa.





Museu do Trabalho Michel Giacometti com almoço e passeio pela Arrábida

No dia 4 de julho de 2024, a cidade de Setúbal recebeu a nossa Escola de Saberes das Mulheres. A primeira visita foi ao Museu do Trabalho Michel Giacometti – um espaço que guarda a memória das profissões, das ferramentas e das mãos que construíram o país. Para mulheres que tantas vezes trabalharam na invisibilidade, ver o trabalho reconhecido como património foi um momento de especial significado.



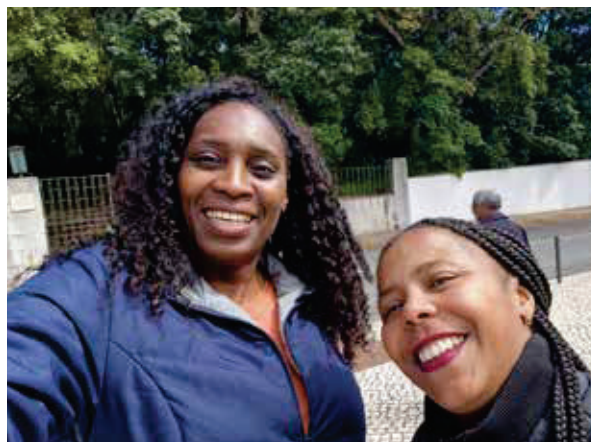


Seguimos depois para almoço no Restaurante "Rei do Choco" e, da mesa, partimos para um passeio pela Arrábida, onde o verde e o azul se encontraram, assim como os sorrisos que marcaram este dia.

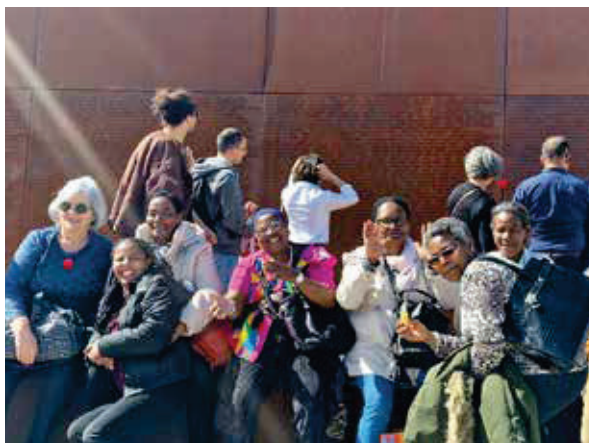


Visita a Peniche com almoço em Bombarral e Inauguração do Museu Nacional Resistência e Liberdade

No dia 27 de abril de 2024, visitámos Peniche. O almoço em Bombarral abriu o dia, e à tarde participámos na inauguração do Museu Nacional Resistência e Liberdade, instalado no antigo forte onde tantas e tantos presos políticos resistiram à ditadura. Pisar aquele chão, ouvindo as histórias de quem lutou pela liberdade, foi um momento de memória e aprendizagem viva.









As Luzes, O Teatro e os Oceanos Bem Perto

O dia 13 de dezembro de 2025 foi, certamente, uma das datas mais emotivas e afetivas das visitas do projeto. Foi a nossa primeira saída noturna, para explorar as luzes de Natal da cidade de Lisboa. Uma noite que começou com o brilho de quem nunca mergulhara naquela fantasia natalícia, descobrindo os detalhes de uma cidade que vive tão perto da Quinta da Princesa e que, ainda assim, permanecia por conhecer.

O passo seguinte foi em direção ao Restaurante “O Cravo”, na Associação 25 de Abril, para um jantar que marcou o convívio.

E voámos para o Teatro da Trindade, para entrar na vida de *Alice no País das Maravilhas* – uma obra literária intemporal que nos convidou, no decorrer de uma insana viagem entre a realidade e a imaginação, a pensar a razão da nossa existência. O que verdadeiramente somos e, sobretudo, quem somos. Alice como o resultado das nossas dúvidas, sem idade e sem género. Uma versão musical, frenética e alucinante, que nos seduziu a mergulhar no fantástico imaginário de Lewis Carroll, com a atriz Soraia Tavares – que nos mostrou que a Alice pode ter outras cores.





No dia 20 de dezembro de 2025, o Oceanário de Lisboa recebeu as mulheres da Quinta da Princesa. Foi um momento de conhecimento e encantamento para quem nunca se conectara às aventuras dos mares e dos ambientes aquáticos.

Nem a chuva intensa retirou o desejo de embarcar no teleférico e tentar ver a cidade com os olhos molhados – pela água lá fora e pela emoção cá dentro. O Restaurante Chimarrão deu o toque gastronómico para as conversas e o convívio animado.





1.6. COMUNIDADES QUE ENSINAM, COMUNIDADES QUE APRENDEM: QUANDO UM BAIRRO VISITA OUTRO

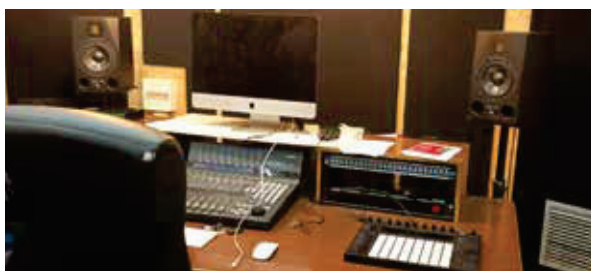
No dia 21 de setembro de 2025, realizou-se um encontro emblemático entre as comunidades dos concelhos do Seixal e de Setúbal: moradoras e moradores da Quinta da Princesa participaram numa visita de estudo e convívio organizada pelo MDM, em parceria com a Câmara Municipal de Setúbal e com moradoras/es dos cinco bairros de habitação do município – Alameda das Palmeiras, Bela Vista, Forte da Bela Vista, Manteigadas e Quinta de Santo António.

A esta iniciativa chamámos “visita de estudo às comunidades de Setúbal”. A escolha do nome não foi por acaso: partiu da convicção de que as comunidades produzem conhecimentos que, regra geral, passam despercebidos, são inferiorizados e desacreditados. Entendemos que, se não há consciência do saber-fazer-ser historicamente ativo e válido que cada comunidade carrega, o conhecimento por ela produzido dificilmente será considerado motor de transformação das suas realidades. Por isso, as comunidades têm muito para ensinar e aprender umas com as outras – e precisam, de facto, de estudar mutuamente os processos que implementam.

Consideramos que esta visita de estudo foi um marco em termos de aprendizagens e intercâmbio de experiências. O Programa “Nosso Bairro, Nossa Cidade”, promovido pela Câmara Municipal de Setúbal em parceria com as cinco comunidades e diversas entidades, tem como objetivo dar corpo à participação e desenvolver ações “que visam a organização de moradores e que espelhem os seus interesses coletivos, gerando a sua participação nas decisões que às suas vidas e à sua comunidade dizem respeito e promovendo a autonomia, responsabilidade e crescimento coletivo” (Município de Setúbal & Freguesia de S. Sebastião, 2025).

Estes bairros, de habitação pública municipal, receberam obras de requalificação no âmbito do Programa 1.º Direito / Plano de Recuperação e Resiliência (PRR) – uma realidade que contrasta com as habitações da Quinta da Princesa, cujas frações pertencem ao Instituto da Habitação e Reabilitação Urbana (IHRU) ou a particulares. Durante a visita, foi apresentado um vídeo sobre o enquadramento do Programa “Nosso Bairro, Nossa Cidade” e, em seguida, conhecemos as instalações do espaço que dá nome ao programa.





Os testemunhos das e dos representantes das comunidades de Setúbal – Teresa, Eugénio e José (Forte da Bela Vista); Artur (Quinta de Santo António); Lurdes (Bela Vista); Elisa (Manteigadas); José e Tatiana (Alameda das Palmeiras) – fortaleceram o que havia sido mostrado na primeira parte da visita. Com os seus relatos, mostraram que é possível construir e alimentar o significado de “comunidade”, sobretudo quando há consciência da própria história, organização popular, mobilização e ação estruturada – e, de forma particular, quando as autarquias locais assumem um papel de cumplicidade num projeto construído de raiz, desde baixo.

Das narrativas partilhadas, destacamos:

- A história do surgimento de cada comunidade;
- A forma como se organizam (espaços de reunião, assembleias, grupos de trabalho, articulação com autarquias e outros parceiros);
- Os testemunhos da Câmara Municipal de Setúbal, através da Dr.^a Maria Inês Rios e da técnica da sua equipa, a Dr.^a Luísa Semedo – esta última residente na Quinta da Princesa –, que explicaram o funcionamento do programa e o modo como a autarquia trabalha em articulação estreita com as moradoras e os moradores.



As moradoras e os moradores da Quinta da Princesa partilharam também as suas experiências, através dos porta-vozes presentes, do Grupo Colaborativo de Mulheres da Quinta da Princesa e de outras moradoras. Falaram sobre a constituição dos grupos de trabalho locais, a organização dos condomínios da Rua Cidade da Praia, as atividades da Escola de Saberes das Mulheres e, ainda, acerca de outras intervenções – bem mais antigas, anteriores ao trabalho do MDM – que contribuiriam (e continuam a contribuir) para a atual configuração do bairro.



O almoço-convívio no espaço “Nosso Bairro, Nossa Cidade” foi uma oportunidade para reforçar a partilha de ideias e aproximar as comunidades – à volta da mesa, as conversas continuaram, os laços estreitaram-se e o que era de cada bairro passou a ser, também, um pouco de todos.



A tarde foi dedicada à visita ao Centro Cultural do Bairro da Bela Vista, um equipamento fundamental para o desenvolvimento das iniciativas comunitárias – espaço de encontro, criação e fortalecimento dos laços que fazem do bairro uma comunidade viva.





Por último, realizámos uma visita guiada que deu conta do trabalho de requalificação dos prédios, da reorganização dos espaços públicos e, acima de tudo, do protagonismo das comunidades neste projeto – porque não há requalificação que resista sem a força de quem vive e constrói o chão todos os dias.

A visita de estudo às comunidades de Setúbal entrou na sala coletiva da Escola de Saberes das Mulheres. Queríamos avaliar que aprendizagens havíamos retirado daquele dia e se havia algo de importante que pudesse contribuir para a vida da Quinta da Princesa.

Durante várias sessões, partimos de uma pergunta simples e fundadora: "O que ouviram na visita que seria bom para a Quinta da Princesa?"

Foi assim que, ao longo dos encontros, fomos refletindo, partilhando memórias e, com elas, enriquecendo a nossa alfabetização. Construímos, coletivamente, um mapa com palavras e frases extraídas da visita – um exercício que juntou o olhar, a memória e a mão que escreve.





1.7. MÃES-AVÓS: DA ANCESTRALIDADE AO CHÃO — UMA HISTÓRIA QUE A ESCOLA AJUDOU A CONTAR

A ideia de concretizar uma investigação sobre a fundação da Quinta da Princesa, nos anos 1980, surgiu da Escola de Saberes das Mulheres. Os diálogos com as mulheres e as suas narrativas sobre o que sempre referem por COMUNIDADE – aliás, uma das palavras geradoras que brota do chão da alfabetização – despertaram-nos a curiosidade de conhecer como se deu este processo fundacional.

Foi assim que partimos para um rico processo de consulta, através de uma oficina realizada com aquelas que foram as primeiras moradoras e que, até hoje, ainda residem no bairro. Foi nesse contexto que a proposta do estudo foi apresentada, com a possibilidade de vir a produzir um livro e uma exposição temática.

Admitindo que a Quinta da Princesa terá, eventualmente, muitas histórias que conduzem à sua atual configuração, aquela que contamos nasce das mulheres africanas (de Cabo Verde, São Tomé e Príncipe e Moçambique) que territorializaram as suas ancestralidades na diáspora – no chão da Quinta –, juntamente com as portuguesas de etnia cigana.

É a partir das vivências e interpretações das realidades daquelas que se autodenominaram Mães-Avós que conseguimos desocultar uma forma de Economia Comunitária que operava (e, nalguns casos, ainda opera) discretamente. Longe dos holofotes e das estatísticas, estas mulheres inventaram formas próprias de produzir e reproduzir a vida: do “junta mão” da horta coletiva ao parlamento informal onde se decidem os rumos da comunidade; da guerrilha económica das vendedoras de peixe à pedagogia da rua que educa as crianças na diversidade e no cuidado. São práticas que revelam uma Economia Comunitária alicerçada na reciprocidade, na dádiva, na soberania alimentar e na autogestão – uma economia que não separa o trabalho da vida, a produção do afeto e o sustento da dignidade.

O livro *As Mães-Avós da Quinta da Princesa: da Ancestralidade ao Chão* pode ser adquirido gratuitamente no sítio do MDM e nas Edições Húmus.

1.8. JUNTAS SOMOS MAIS: A ESCOLA DE SABERES DAS MULHERES NUMA REDE QUE SOMA

As organizações parceiras foram fundamentais – não apenas pela troca de saberes que alimenta o trabalho comunitário, mas pela cumplicidade que desintegra qualquer forma de competição. A Tarde Aberta, em 2023, foi exemplo disso: um evento conjunto que deu a conhecer os projetos à comunidade e clarificou como podemos cooperar, partindo do que cada entidade traz na bagagem. Deste encontro, identificámos a necessidade de cursos de TIC em horário pós-laboral. O MDM assumiu a organização e, a cada semestre, lançou programas orientados pela Rato ADCC, disponibilizando mesas, equipamentos e um grupo de WhatsApp para comunicação com as/os formandas/os.

Com o CAPA, a colaboração estendeu-se às Festas da Tabanka e de Natal, à partilha do espaço polivalente e ao encaminhamento mútuo de participantes.

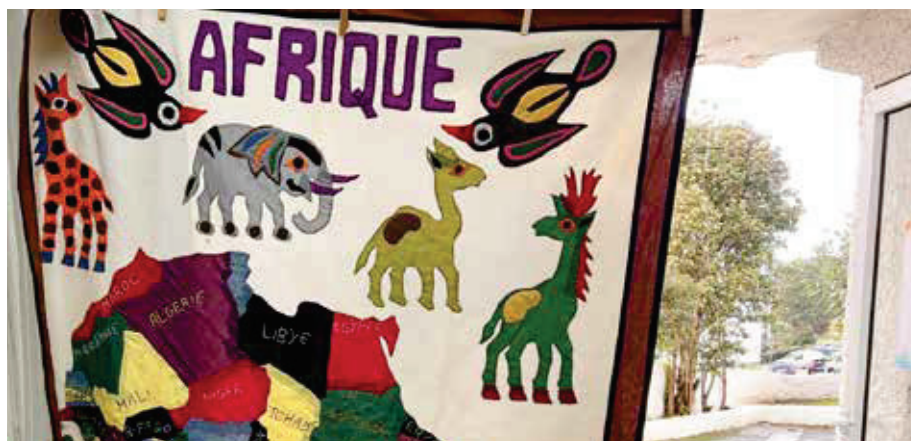
Com a AMUCIP, o Grupo Colaborativo de Mulheres e o coletivo de Porta-Vozes da Rua Cidade da Praia deram os primeiros passos, levando à constituição dos condomínios.

1.9. A BIBLIOTECA DE SABERES: OUTROS LIVROS, OUTRAS HISTÓRIAS, OUTROS SABERES

Esta é uma das chaves do trabalho desenvolvido. A Biblioteca de Saberes nasce da lacuna que encontrámos na nossa escola: o desconhecimento da história dos povos de origem africana, dos seus autores e autoras, dos pensamentos e saberes por eles produzidos.

Trata-se de uma rutura epistemológica – a constatação de que certos conhecimentos simplesmente não chegam à sala, como a história das mulheres independentistas que fizeram parte das lutas anticoloniais. Por isso mesmo, nos preocupámos em produzir uma coleção de postais com as suas referências.

Numa parceria com a editora Falas Afrikanas, organizámos uma oficina temática em que as mulheres da Quinta da Princesa escolheram os livros para o acervo da Escola de Saberes das Mulheres. Partilharam a razão de cada obra selecionada e interagiram com a equipa da editora para desvelar os respetivos temas.



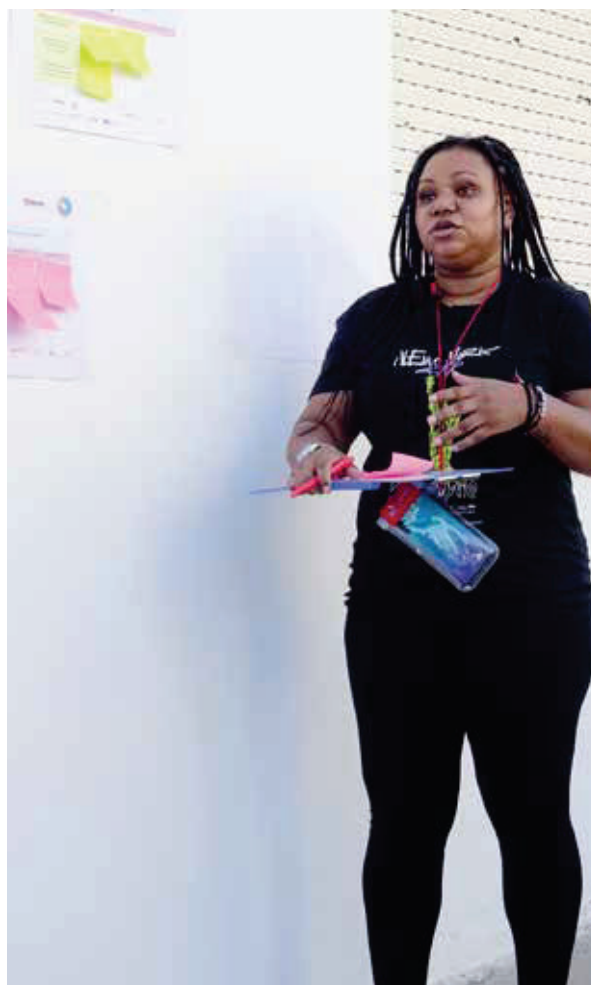


2.

**COM PERGUNTAS
E TEMAS GERADORES
– CADA TIJOLO
UMA DESCOBERTA**

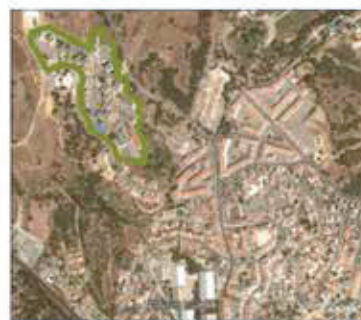
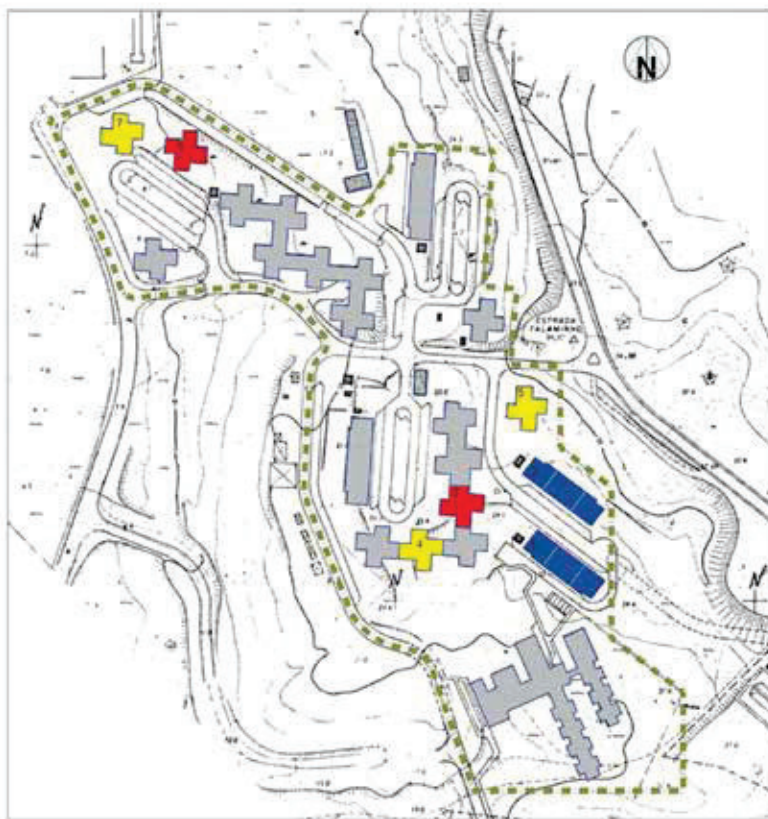
A reabilitação dos prédios da Quinta da Princesa é uma das mais importantes reivindicações da comunidade. Com a formação do Grupo Colaborativo de Mulheres da Quinta da Princesa, uma poderosa frente de mobilização das mulheres ganhou uma das ruas mais debilitadas do bairro: a Rua Cidade da Praia.

Com estas mulheres e com as suas vizinhas e vizinhos, organizámos as primeiras reuniões na rua. Convocámos moradoras e moradores, levámos as cadeiras para o espaço público e levantámos as vozes para propor mais um coletivo fundamental para a mobilização e ação neste solo: as e os porta-vozes.





Assim, a partir das várias oficinas e assembleias realizadas, as e os porta-vozes entenderam que deveriam organizar-se para formalizar a gestão dos condomínios. Na ocasião, esta era uma das exigências feitas pelo IHRU para a requalificação dos edifícios. Mas não era a única razão: havendo um coletivo para a mediação e coordenação entre moradoras e moradores, toda a dinâmica entre vizinhas e vizinhos seria facilitada. E assim foi feito: a constituição dos condomínios passou do desejo à prática.



LOCALIZAÇÃO

FRACÇÕES PROPRIEDADE DO IHRU POR EDIFÍCIO



--- 3056 - BAIRRO QUINTA DA PRINCESA

BAIRRO QUINTA DA PRINCESA - SEIXAL
Património Edificado do IHRU



Planta				
ESCALA	DATA	TECNICO	1ª FASE	Nº DESP
1:500	10/2008	ARMANDO ALVES		

Outra proposta avançada foi a criação de um grupo de trabalho formado pelo coletivo de porta-vozes, pelo Grupo Colaborativo de Mulheres da Quinta da Princesa, pela Câmara Municipal do Seixal, pela Junta de Freguesia de Amora, pelo Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana (IHRU) e pelo MDM. Nas reuniões realizadas, foram apontados caminhos para a realização das obras de reabilitação e para a intervenção mínima, em carácter de urgência (antes das obras profundas), nas habitações mais castigadas por várias décadas de abandono do Estado.

2.1. REABILITAÇÃO E MANUTENÇÃO DOS PRÉDIOS: O CHÃO QUE QUEREMOS, A LUTA QUE NÃO PÁRA

Atualmente, a grande luta está em desafiar a burocracia e o prolongamento dos prazos estabelecidos pelo IHRU para a reabilitação dos edifícios. A cada inverno, as dificuldades são agravadas pelas chuvas torrenciais e pela intensidade dos ventos. A cada presença dos técnicos do IHRU no terreno, moradoras e moradores demonstram profundas inquietações pelos riscos e danos acrescidos, que se tornam cada vez mais evidentes.

O IHRU tem dado sinais de que existe um processo de trabalho em curso – seja através do contacto direto com os porta-vozes e as porta-vozes, seja pelas avaliações realizadas nos edifícios para a adjudicação do projeto das obras, ou pela recente comunicação sobre a intervenção de urgência em algumas habitações, devido aos estragos causados pelas intempéries deste inverno (2026). Contudo, a sua atuação é tímida face ao necessário.

Na Praceta Cidade de São Tomé, n.º 2, a realidade não é muito diferente. Por solicitação de uma das moradoras, D. Vitória Varela – protagonista do Grupo Colaborativo de Mulheres da Quinta da Princesa e, igualmente, uma das Mães-Avós –, o MDM realizou encontros com moradoras e moradores deste edifício.

MORADORAS E MORADORES da Rua Cidade de São Tomé

VAMOS CUIDAR DO NOSSO PRÉDIO?

HABITAÇÃO DIGNA É UM DIREITO!
Participe na 1ª REUNIÃO

Dia 28 de março (5ª feira) - 18h30
Local: entrada do prédio nº 20, R. Cidade de São Tomé

Colaboração
MDM - Movimento Democrático de Mulheres
Projeto "A Quinta da Princesa com Elas Tem Vida"
Grupo Colaborativo de Mulheres da Quinta da Princesa
Moradoras do prédio nº 20 - R. Cidade de São Tomé

MORADORAS E MORADORES da Pcta Cidade de São Tomé
VAMOS CUIDAR DO NOSSO PRÉDIO?

Participe na 2ª REUNIÃO

Dia 12 de abril (6ª feira) - 18h30
Na entrada do prédio nº 2, da Pcta Cidade de São Tomé

*** Assuntos a Tratar ***

- Leitura da convocatória enviada à empresa de condomínios e ao IHRU, pelo Grupo Colaborativo de Mulheres da Quinta da Princesa.
- Preparação da reunião com a empresa de condomínios e o IHRU.
- Indicação de 02 Porta-Vozes (01 inquilino e 01 proprietário)

Colaboração
MDM - Movimento Democrático de Mulheres
Projeto "A Quinta da Princesa com Elas Tem Vida"
Grupo Colaborativo de Mulheres da Quinta da Princesa

MORADORAS E MORADORES da Pcta Cidade de São Tomé
VAMOS CUIDAR DO NOSSO PRÉDIO?

Participe na 3ª REUNIÃO

Dia 07 de junho (6ª feira) - 18h30
Na entrada do prédio nº 2, da Pcta Cidade de São Tomé

*** Assuntos a Tratar ***

- Informações sobre as reuniões de trabalho realizadas pelo MDM - Movimento Democrático de Mulheres com o IHRU, Câmara Municipal do Seixal e Junta de Freguesia de Amora para o desenvolvimento de ações no prédio e no bairro.
- Proposta e aprovação de 04 porta-vozes deste prédio como interlocutoras/es dos moradores com estas entidades.

Colaboração
MDM - Movimento Democrático de Mulheres
Projeto "A Quinta da Princesa com Elas Tem Vida"
Grupo Colaborativo de Mulheres da Quinta da Princesa



ldc
loja do condomínio

COMUNICADO

Assunto: Obras de conservação no telhado

Feijó, 26 de Junho de 2025

Exmos. Srs. Condóminos,

Serve o presente para informar V. Exas. que estão a decorrer trabalhos no telhado (limpeza das caixas e prolongamento dos tubos de algeroz que se encontram partidos). Solicitamos a todos os condóminos, a máxima atenção para o fecho das janelas, roupa estendida, uma vez que pode cair alguma sujidade.

Agradecemos a colaboração de todos, e que não ultrapassem os perímetros de segurança colocados, uma vez que a administração não se responsabiliza por danos daí provenientes.

Esta obra tem a duração de cerca de 3 semanas (meados de Julho).

Com os melhores cumprimentos,

Prta Administração
S. Silva

A deterioração das partes comuns é elevada e variada, com graves consequências no interior das habitações. A falta de limpeza no telhado, em mais de quarenta anos de existência do edifício, contribuiu para o entupimento dos algerozes, provocando infiltrações intensas nas frações de proprietários e inquilinos do IHRU – não só danificando-as, mas também causando sérios problemas de insalubridade.

Para desenvolver este trabalho, D. Vitória Varela e D. Francisca Sanches formaram a dupla de porta-vozes. Organizaram os encontros com as moradoras e os moradores e as visitas do MDM às habitações danificadas. Como resultado, foi produzido um relatório (a exemplo do que fora feito para a Rua Cidade da Praia) e enviado ao IHRU. O telhado foi limpo e o edifício sinalizado para futuras obras de requalificação.

2.2 PORTA-VOZES: UMA VOZ QUE CRESCER, UM COLETIVO QUE FICOU


Qualquer coletivo criado tem um processo único, irrepetível, de construção. Pode ser formado para fins muito específicos e definidos no tempo. Mas pode, ainda, ser perspetivado para existir sem tempo marcado – para criar raízes, amadurecer e ser força-presença.

O coletivo de porta-vozes da Rua Cidade da Praia tem feito o seu caminho com diálogos, silêncios, ações, persistência, conflitos e crescimento mútuo. Esta é a perceção de quem tem vivido com este grupo e observa a sua coragem de permanecer vivo e em luta pelo bairro de uma vida construída neste solo.

Este percurso de três anos gerou muitos encontros, reuniões, oficinas, assembleias e momentos de planificação e avaliação. Foram construídos mapas dos condomínios, realizadas visitas às habitações, produzidas convocatórias, cartazes e colagens nos prédios e nas ruas, feitas reivindicações (como a lomba da Rua Cidade da Praia) – entre tantas outras mobilizações e ações.

Atualização do Diagnóstico Participativo: Nova Auscultação aos Porta-Vozes e Grupo Colaborativo de Mulheres da Quinta da Princesa

Entre 17 de outubro de 2024 e 10 de janeiro de 2025, renovámos o trabalho iniciado com o Diagnóstico Participativo de 2022 e fizemos uma nova auscultação aos porta-vozes e ao Grupo Colaborativo de Mulheres da Quinta da Princesa. O resultado deste trabalho foi partilhado com ambos os grupos.



Projeto A Quinta da Princesa com Elas Tem Vida!

Este processo de auscultação do Grupo Colaborativo de Mulheres da Quinta da Princesa e das/os porta-vozes da Rua Cidade da Praia decorreu no quadro do Projeto "A Quinta da Princesa com Elas Tem Vida", entre os dias 17 de outubro de 2024 e 10 de janeiro de 2025.

1. Pontos de Partida

- Perceber em que avançámos ou não no percurso para a resolução dos problemas da Quinta da Princesa.
- Colher sugestões para a melhoria do trabalho coletivo.
- Ter como base para a auscultação o Diagnóstico Participativo (DP), realizado em 2022, publicado na revista do projeto anterior.
- Considerar os principais temas geradores, indicados no DP, para refletir sobre o percurso.
- O Grupo Colaborativo de Mulheres da Quinta da Princesa (GCMQP) selecionou os temas prioritários para a reflexão, sendo estes: HABITAÇÃO, LIMPEZA, SAÚDE, EDUCAÇÃO e TRANSPORTES.

Nota: não foram tratados os temas da alimentação, segurança, comércio local, associativismo e alguns da área social, já que, nesta fase, os temas geradores selecionados pelo GCMQP têm exigido muita dedicação coletiva, em termos de reflexão e ação.

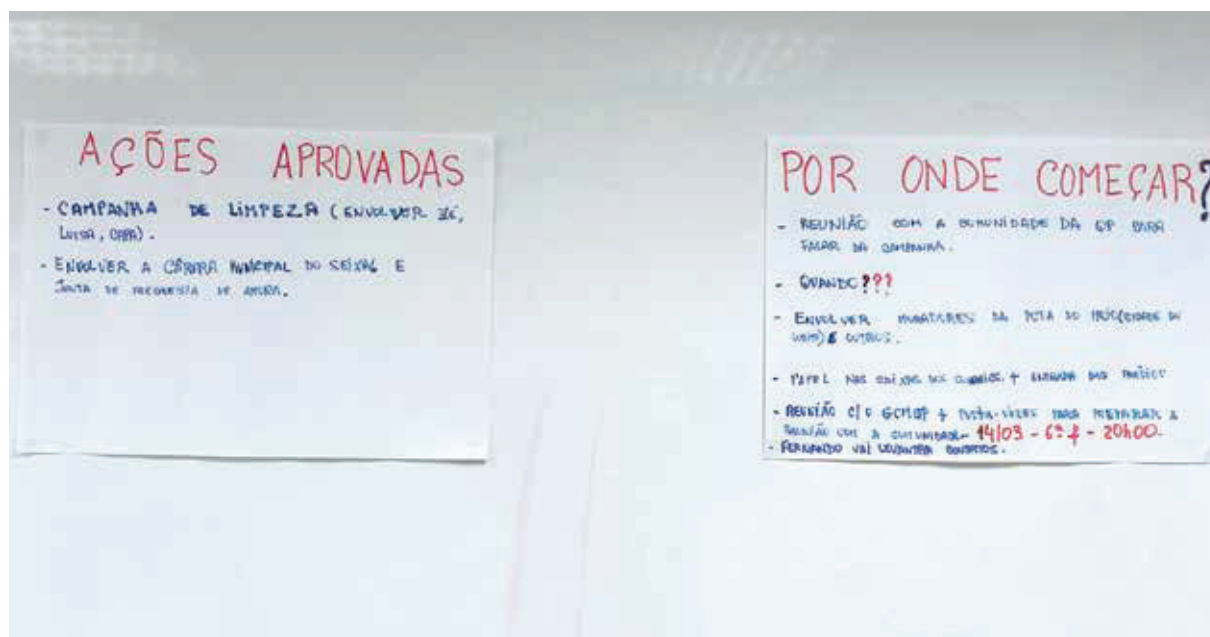
2. Participantes nos Encontros de Auscultação

Data do Encontro	Participantes	Coletivos da Quinta da Princesa
17/10/2024	Francisca Sanches, Juliana Semedo, Laura Sousa, Maria Coelho, Maria Segunda da Veiga, Paulina Fernandes e Vitória Varela	Grupo Colaborativo de Mulheres da Quinta da Princesa
25/10/2024	Fernando Patrão e Verónica Sousa	Porta-vozes do prédio nº 04, Rua Cidade da Praia.
26/11/2024	Cesaltina Sousa e Elisa Fernandes	Porta-vozes do prédio nº 03, Rua Cidade da Praia.
29/11/2024	Isabel e Simpício	Porta-vozes do prédio nº 06, Rua Cidade da Praia.
10/01/2025	Anabela Silva	Porta-vozes do prédio nº 05, Rua Cidade da Praia.



Campanha Bairro Limpo Bairro Feliz

Na sequência da auscultação, criámos a Campanha Bairro Limpo, Bairro Feliz para envolver a comunidade na limpeza do espaço público. Foram organizadas várias oficinas e constituídos grupos de trabalho com responsabilidades distribuídas.





Da avaliação realizada com as participantes e os participantes, foram sistematizadas as seguintes conclusões:

DESTACAMOS POSITIVAMENTE

- Crianças satisfeitas;
- Alimentação ótima;
- Houve ótimo funcionamento dos grupos;
- Rua Cidade de Luanda sem lixo. Outras ruas também;
- A campanha correu muito bem;
- O megafone foi utilizado. Houve pessoas nas janelas;
- Gosto pela interação criada;
- Houve poucas pessoas, mas algumas aderiram;
- O grupo tratou dos objetivos e da preparação;
- Houve outras ações de limpeza na Quinta da Princesa, mas não com esta grandeza;
- Montagem e organização dos bancos e mesas pelos moradores (ao final da atividade);
- O grupo foi ganho para continuar;
- Os objetivos foram muito bem traçados;
- Todas as instituições se envolveram;
- É um bairro em que houve má fama no passado, mas que hoje, não!;
- Iniciativa muito válida;
- O Grupo Desportivo montou o toldo e comprou a comida;
- Divulgação: foram afixados cartazes grandes pela QP;
- Materiais distribuídos e preparados antecipadamente.

ASPETOS A MELHORAR

- Moradores: falta de iniciativa. Pouco ou nada quiseram participar;
- Muito lixo nos locais próximos às lojas e cafés;
- A relva dificultou o acesso para o trabalho de limpeza;
- O cartaz da campanha foi rasgado, no prédio nº 06;
- Precisamos de mais participantes;
- O que dirá o IHRU sobre a campanha dos prédios?.

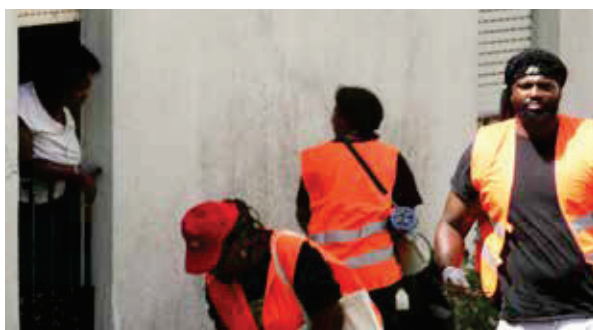
PRÓXIMOS PASSOS

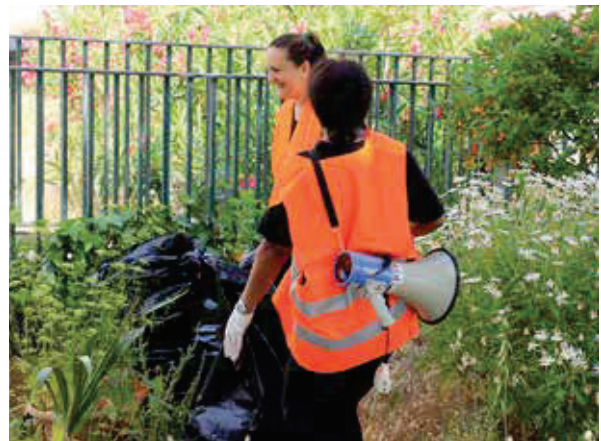
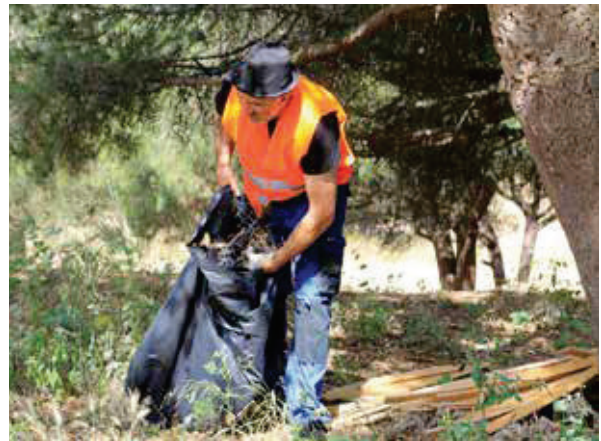
- Próximas campanhas de limpeza: realizá-las 4 vezes por ano, nas 4 estações;
- Proposta de alteração do nome da campanha para: "Comunidade Limpa, Comunidade Feliz!";
- Envolvimento da comunidade nas ações;
- Preparação dos cartazes, pela Câmara Municipal do Seixal, para colocar nas proximidades dos caixotes de lixo (2.ª fase da campanha);
- Procurar as pessoas responsáveis de cada prédio para envolver os demais moradores;
- Acionar as empresas administradoras dos condomínios para a divulgação da campanha, através dos e-mails próprios, de cada prédio, motivando os moradores para que assumam a limpeza em frente aos seus edifícios.

No dia 31 de maio de 2025, partimos para a 1.ª fase de implementação da campanha, com a seguinte organização:

- **Limpeza** – responsáveis pela coordenação da limpeza com as moradoras e os moradores;
- **Alimentação** – responsáveis pelo almoço comunitário;
- **Animação e Sensibilização** – responsáveis pelo atelier com as crianças.

A iniciativa envolveu diversas entidades parceiras: CAPA, Grupo Desportivo, Cultural e Recreativo da Quinta da Princesa, Associação Juvenil Esperança, Câmara Municipal do Seixal, Junta de Freguesia de Amora e MDM, encerrando com um almoço-convívio e a posterior avaliação da atividade.





2.3. PORTA-VOZES: A AUTONOMIA CONQUISTADA, A AÇÃO QUE CONTINUA

No decorrer do percurso, houve desistências e alterações no coletivo de porta-vozes. Começámos com oito e, atualmente, são cinco as presenças que constroem a ação na Rua Cidade da Praia.

Se o projeto foi uma alavanca para, pela via da Educação Popular, impulsionar o diálogo, a união, a cooperação, a mobilização e a reflexão-ação, hoje podemos afirmar que a capacidade deste coletivo de caminhar com as próprias pernas é uma evidência. O coletivo de porta-vozes já realizou, por conta própria, um conjunto de iniciativas que revelam uma ação organizada e mobilizadora, afirmando a construção da sua autonomia – sempre em estreita colaboração com as instituições:

- Realizou uma difícil intervenção de limpeza nas arrecadações de um dos prédios, resolvendo situações de conflito que, há alguns meses, pareciam inultrapassáveis;
- Formou uma frente de trabalho para o envio de comunicação, praticamente diária, para o IHRU, relativamente aos danos causados pelas depressões climáticas (entre janeiro e fevereiro de 2026), o que resultou em contactos por parte deste instituto para solucionar os graves problemas.
- Criou um processo de auscultação – diretamente coordenado com a Junta de Freguesia de Amora – para o apoio às obras de reabilitação dos prédios da Rua Cidade da Praia.
- Tem propostas para dar continuidade à experiência da Escola de Saberes das Mulheres, reconhecendo a importância de esta estrutura ter continuidade.

Como um dos desafios apresentados pelo MDM ao grupo, à luz da sua própria experiência, perguntámos: O que é ser porta-voz e qual é o seu papel? Das contribuições para um futuro debate, recolhemos os seguintes testemunhos:

“Para mim, um porta-voz é uma pessoa que representa alguém, expõe as necessidades e ajuda a concretizar algo. O papel consiste em ajudar com clareza e atenção face ao objetivo pretendido, através de comunicação clara e segura.”

Elisa Fernandes

“Alguém que é uma ponte de ligação entre os vizinhos e as instituições. Um facilitador de processos. Alguém que ouve, não complica e tenta conciliar. O porta-voz deve ouvir, deve aceitar e emitir opinião que beneficie a parte que representa. Deve ser paciente, verdadeiro e imparcial face àqueles que representa. Deve saber gerir as emoções e respeitar as regras perante os seus pares e aqueles que representa.”

Cesaltina Sousa

3. O QUE ESTE PERCURSO NOS ENSINA?

Sistematização de uma experiência que emerge com a Educação Popular

Finalizamos esta viagem pedagógica procurando sistematizar alguns dos elementos que emergem de um exercício contínuo de reflexão-ação. Ao longo destes anos, fomos construindo – com cada pessoa, em interação com a comunidade – os espaços e os sujeitos desta aventura pedagógica: uma escola de mulheres, sobretudo aquelas que vivem a maturidade etária, com quem nos propusemos desenhar um percurso e, agora, iniciar a sua sistematização. Esta tentativa propõe encontrar um primeiro “corpo” – um esboço que merece o devido aprofundamento. A tarefa minuciosa, essa, fica para os próximos voos.

Eis o que, hoje, sem o distanciamento necessário e assumindo a nossa emoção, ousamos partilhar com outras educadoras e outros educadores, mas também com a comunidade e com as instituições que caminharam connosco: os nossos “achados”.

OS SUJEITOS POLÍTICOS QUE EMERGIRAM

Ao longo de 31 meses, a Escola de Saberes das Mulheres da Quinta da Princesa não se limitou a alfabetizar. Fez emergir sujeitos políticos onde antes havia apenas a marca da escola negada. Identificamos três grupos fundamentais:

O Grupo Colaborativo de Mulheres da Quinta da Princesa – a semente de tudo. Foram elas as primeiras a exigir o direito de aprender a assinar o nome. Tornaram-se o motor da mobilização comunitária.

As Mães-Avós – guardiãs da memória e do território. Com a investigação As Mães-Avós da Quinta da Princesa: da Ancestralidade ao Chão, desocultámos uma economia comunitária feita de “junta-mão”, parlamentos informais, “guerrilha económica” das vendilhonas e a pedagogia da rua. Conhecemos a prática da soberania alimentar (numa pequena escala) e os valores da reciprocidade, da dádiva e da autogestão. São a prova de que o saber não vem só dos livros – vem do corpo, da luta, da vida.

As e os porta-vozes – construtoras e construtores de pontes. Nascidas/os da necessidade de organizar a luta pela habitação, tornaram-se mediadoras/es, comunicadoras/es, articuladoras/es. Conquistaram a palavra junto ao IHRU, à Câmara Municipal do Seixal, à Junta de Freguesia de Amora – mas, acima de tudo, assumiram o diálogo com as vizinhas e os vizinhos.

A estas e a estes, juntam-se as filhas, as vizinhas, as crianças – e, também, as instituições que devem reconhecer as Mães-Avós como património imaterial do bairro, fundamentais para a fundação e para a memória viva deste território.

Princípios e valores que esta aprendizagem nos deixou

Deste percurso, podemos extrair princípios que são, também, um testemunho de como fazer Educação Popular no chão da vida:

PRINCÍPIOS	O QUE SIGNIFICAM, NA PRÁTICA?
A pergunta como método	Não levámos respostas prontas. Construímos o programa a partir do que elas queriam saber, do que precisavam dizer e fazer.
O saber parte da vida	As palavras geradoras foram <i>marido, panela, tijolo, comunidade, fome, voto</i> – porque era disso que a vida delas era feita.
A cooperação sobre a competição	Na sala, ninguém competia. Circulava-se entre grupos, ajudava-se, aprendia-se juntas. O erro não era castigo – era caminho.
O direito à cidade também se aprende	Acompanhá-las ao museu, ao teatro, ao oceanário não foi só “passeio”. Foi devolver-lhes um direito que o trabalho lhes tinha roubado.
A memória é território político	Investigar as Mães-Avós, contar a história do bairro, descolonizar o imaginário no Natal – tudo isso é fazer política com o passado.
A autonomia não se dá, constrói-se!	As/os porta-vozes hoje reúnem-se sozinhos, escrevem e dialogam com o IHRU, organizam limpezas. O projeto foi alavanca; a força é delas e deles.

Esboço de um Currículo Popular

Se esta experiência pudesse ser transformada num currículo – não um currículo escolar, mas um currículo de vida e de luta –, ele teria estas dimensões:

1. Alfabetização política

Aprender a ler não foi só juntar letras. Foi perceber que o 25 de Abril também lhes dizia respeito; que as mulheres independentistas existiram; que o voto é conquista; que a habitação digna é um direito.

2. Economia comunitária

Com as Mães-Avós, aprendemos que há outras formas de produzir e reproduzir a vida: a dádiva, a horta partilhada, o cuidado, a guerrilha económica das vendedoras de peixe.

3. Organização e mediação

Com os porta-vozes, aprendemos a fazer reuniões, a escrever abaixo-assinados, a falar com instituições, a gerir conflitos, a limpar o bairro juntos.

4. Direito à cidade e à cultura

Aprender a cidade – museus, exposições, teatros, moinhos, jardins – foi também aprender que o lazer, a arte e a memória são direitos.

5. Memória e identidade

Aprender a história do bairro, das Mães-Avós, das origens africanas e ciganas, foi aprender que “comunidade” é palavra que se escreve com o corpo e com o chão.

A perspetiva transformadora: o que mudou?

Mudou o que se vê e o que não se vê.

O que se vê:

- Mulheres que assinam o próprio nome, juntam sílabas e escrevem as suas palavras;
- Crianças que veem as avós a estudar;
- Presépios com Maria e José negros, de tecidos africanos;
- Mães-Avós a distribuir prendas no lugar do Pai Natal;
- Ações de limpeza nos prédios e em espaços públicos, condomínios organizados, reivindicações a chegar ao IHRU.

O que não se vê, mas sente-se:

- A vergonha de não saber a desativar-se;
- O orgulho de quem aprende, devagar, no seu tempo;
- A certeza de que “aprender é com o tempo”, como diz D. Engrácia;
- A força de quem diz, como D. Maria Coelho: *“Quando está a chegar hora da escola, tenho que ir!”*
- A confiança de D. Laura: *“Vieram para a reunião; ficaram mesmo com uma firmeza que as coisas vão andar para a frente.”*

A transformação, aqui, não é só individual – é coletiva. Não é só pedagógica – é política. Não é só sobre aprender a ler – é sobre ler o mundo para o poder transformar.

Como diz D. Paulina, com a simplicidade de quem sabe: *“Muita gente não sabia nem escrever o nome. Agora já sabe!”*

Saber escrever o nome, neste contexto, é saber escrever-se no mundo. É inscrever-se na história. É dizer: *eu existo, eu pertenço, eu luto.*

E é isso, no fundo, que a *Escola de Saberes das Mulheres da Quinta da Princesa* ensina: que a educação, quando é popular, quando parte de baixo, quando é feita com e não para, não só alfabetiza – liberta.



REFERÊNCIAS

Fragoso, A. (2019). Estratégias fonológicas na Educação de Jovens e Adultos: adaptações para a aprendizagem eficaz da leitura. *Revista Brasileira de Educação de Adultos*, 10(2), 45–58.

Freire, P., & Faundez, A. (1985). *Por uma pedagogia da pergunta* (3.ª ed.). Paz e Terra. <http://www.paulofreire.ufpb.br>

Município de Setúbal, & Freguesia de São Sebastião. (2025). *Nosso Bairro, Nossa Cidade - 13 anos de participação democrática, organização de moradores e decisões coletivas*. Município de Setúbal.

Seabra, A. G., & Dias, N. M. (2011). Métodos de alfabetização: delimitação de procedimentos e considerações para uma prática eficaz. *Revista Psicopedagogia*, 28(87), 306–320.

Escola de Saberes

DAS MULHERES DA QUINTA DA PRINCESA



comunidades-em-ação
operações integradas metropolitanas

